



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – KUABA

DAMIANA ALVES FEITOSA

Modalidade: Cartilha

**Os desafios do Ensino bilingue português e tupi
nheengatu na Escola Indígena Joaquim Ugena da Aldeia
Jacinto**

MONSENHOR TABOSA- CE

2022

DAMIANA ALVES FEITOSA

**Os desafios do Ensino bilíngue português e tupi
nheengatu na Escola Indígena Joaquim Ugena da Aldeia
Jacinto**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal do Ceará-UFC, como requisito para obtenção do certificado de graduação.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Rattes

MONSENHOR TABOSA- CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Sistemas de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalogo mediante os dados fornecidos pelo (a) autor
(a)

F336d Feitosa, Damiana Alves.

Os Desafios do ensino bilingue português e tupi nheengatu na escola indígena Joaquim Ugena na Aldeia Jacinto : Tupi nheengatu, a língua dos potiguaras / Damiana Alves Feitosa. – 2022.
20 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Kleyton Rattes.

Coorientação: Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo.

1. Ensino bilingue. 2. Português e tupi. 3. Educação escolar indígena . 4. Cultura indígena. 5. Preconceito linguístico. I. Título.

CDD 305.898098131

FOLHA DE APROVAÇÃO

**Os desafios do Ensino bilíngue português e tupi nheengatu
na Escola Joaquim Ugena da Aldeia Jacinto**

DAMIANA ALVES FEITOSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Ceará-UFC, como exigência parcial para obtenção do Diploma de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena.

Data da Aprovação:

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Kleyton Rattes (Orientador)

Universidade Federal do Ceará-UFC

Professor Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo

Universidade Federal do Ceará-UFC

Professor Dr. Rafael Antunes Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

Professor José Cleber da Silva Nogueira (SUPLENTE)

Licenciatura Intercultural Indígena KUABA

MONSENHOR TABOSA- CE

2022

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus nosso pai Tupã;

A minha família meu porto seguro

A comunidade de Jacinto pela confiança ao longo dessa caminhada;

Ao professor Dr.kleyton Rattes pelo a excelente orientação;

A todos professores e professoras que passaram no Kuaba e deixaram um pouco de sua essencial em cada um de nós;

Ao Kleber Saraiva pela a grande contribuição que deu para ver todos os cursistas formados;

A Diretora da escola Indígena Joaquim Ugena Jeane potiguara e todos os professores da referida escola;

Ao amigo Glerison pela a colaboração e os trabalhos em grupos;

A Naiane e a Elcine por resolver alguns de nossos problemas;

A Teka potiguara pela as aulas de Tupi e o incentivo para valorizar a língua nhengatu

RESUMO:

Neste TCC, modalidade cartilha, aborda a potência da língua tupi, nheengatu, assim como os desafios por ela colocados. O que é lidar com a educação indígena diferenciada, a partir do ensino bilíngue português/tupi? Quais problemas, preconceitos, dificuldades estão presentes? O que representa o tupi, nheengatu, para nosso povo? É com estas intenções que esta cartilha foi elaborada, visando, também, fornecer uma sistematização sobre elementos do nheengatu nos seus desafios de implementação nas nossas escolas. Apresentarei elementos da cultura indígena, com sua expressão em tupi-nheengatu, seguidos de sua tradução em português, ao lado de breves comentários.

LISTA DE PALAVRAS USADAS NA CARTILHA

ABA

KURUMIM

TABA

SY

MORUBIXABA

KUNHÃ

ENGARA

KA'A

YBY

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é compreender as necessidades que o povo Potiguara da aldeia Jacinto tem de aprender, compreender e conservar a língua indígena tupi nheengatu, que, segundo estudos, é o tronco linguístico desse povo. “Hoje, os índios brasileiros ainda compartilham 150 línguas e dialetos e parte do repertório que já foi incorporado pelo português, como mandioca, Curitiba, Aquidauana, Iguaçu, tapioca, entre outros.”(Livro didático tupi. 5º ano.pag.05).

Esta comunidade vem se esforçando para manter sua identidade étnica para não ser extinta por meio das influências da cultura dominante, mas também querem o conhecimento que o não índio tem para compartilhar, ou seja, o ensino de língua portuguesa para os índios da referida aldeia para que possam ter compreensão do que se passa na sociedade e até mesmo como forma de defesa contra os intolerantes da cultura indígena. Apesar das dificuldades e desafios enfrentados pelos os profissionais da Escola Indígena Joaquim Ugena, referentes ao ensino das línguas, a cada dia estão superando e fazendo um bom trabalho, mesmo que o português formal se diferenciando do português falado pelos os habitantes dessa comunidade.

A construção desta cartilha é resulta de pesquisas e observações, experiências vivenciadas, que venho fazendo nos últimos anos, contextos em que acontece o uso real da língua. Eu também realizei estudos sobre o assunto em livros escritos por escritores renomados como o linguista Marcos Bagno que em um de seus artigos fala do preconceito linguístico. Segundo o escritor "O preconceito linguístico é, segundo o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno, todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Ele está diretamente ligado a outros preconceitos (regional, cultural, socioeconômico etc.) "

O “Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas”, RCNEI, fala das necessidades de ofertar o ensino bilíngue, no entanto, ainda há muitos obstáculos para realizar essa ação. A falta de domínio das línguas português e tupi, a falta de conhecimento sobre as regras para o ensino das mesmas e de materiais didáticos são as principais dificuldades para o ensino. Para entender melhor como está sendo trabalhada a língua, participei do curso de tupi que acontecia uma vez por mês na biblioteca municipal da cidade de Monsenhor Tabosa- CE, voltado para professores indígenas que lecionam essa disciplina. Mas entendi que apenas a professora falava fluentemente. Houve outros cursos do tupi nheengatu, porém não foram suficientes para garantir o domínio da língua, por parte de todos os professores do ensino diferenciado.

Alguns tiveram mais facilidades, outros menos, mas não deixam as dificuldades vencer e hoje o município reconhece tupi nheengatu como língua cooficial desse município, ao lado do português reconhecido como a oficial. A secretária de Educação do Estado do Ceará, SEDUC, abriu no sistema espaço para registros da disciplina tupi nheengatu para as escolas indígenas do Ceará. O RCNEI é um documento elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto para atender as determinações da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional para garantir aos povos indígenas uma educação diferenciada, que valorize e respeite a diversidade cultural, assim como a língua para manter seus modos de ser.

Esse material foi construído pelos não índios, mas também teve grande contribuição dos povos indígenas, que tinham o objetivo de melhorar a educação escolar indígena do Brasil. Marcos Bagno argumenta em seu trabalho “Preconceito Linguístico, o que é como se faz”, que falar errado o português é um mito, é necessário desconstruir o preconceito linguístico, pois toda forma de falar, se for compreendida, é válida. Alguns artigos são riquíssimos e mostram que as línguas indígenas estão ameaçadas de extinção. É preciso que o Estado faça alguma coisa para que as línguas indígenas permaneçam e sejam faladas pelos nativos.

O povo Potiguara, da aldeia Jacinto, ainda hoje sofre preconceitos pela forma que se expressam. Até mesmo os professores que ensinam a língua portuguesa se atrapalham, pois conseguem escrever correto segundo as regras gramaticas, mas falam diferente da escrita. Por exemplo: se escreve milho fala mii; mulher, muier; relâmpago, relampo; senhor, seôr; feio, fei; vermelho, verime. São formas de expressão e comunicação tão naturais que nem percebemos as diferenças, mas esta característica coloca, na ação em sala de aula,

dificuldades no ensino nos primeiros anos nas escolas, para as crianças que estão se alfabetizando, no sentido de termos que operar com dois registros igualmente válidos e reais da língua: o registro falado e o registro escrito, ambos válidos, mas diferentes em seus modos.

Esta cartilha visa, justamente, a destacar os desafios do contexto bilíngue, na educação diferenciada indígena, a partir do ponto de vista dos Potiguaras da aldeia Jacinto. O centro do trabalho será sobre palavras tupis nheengatu, em especial em seus aspectos semânticos (significados), pesquisadas, refletidas e escolhidas a partir do livro “Língua Tupi, 5º Ano”, organizado por Adriana Gavião, Anaiara Silva Sousa, Eliete de Sousa Sampaio, Jeane de Sousa Sampaio, Maria Silva Sampaio, Maria Marli Correia do Nascimento, Michelle, Raimundo Filho e Tainara.

É este livro que nós professores potiguara estamos usando em nossas aulas.

O que é lidar com a educação indígena diferenciada, a partir do ensino bilíngue português/tupi?

A Educação Escolar Indígena diferenciado é uma modalidade de ensino recente comparado ao ensino convencional. Foi criado para garantir os povos indígenas o direito a ser educado de acordo com seus interesses, valorizando suas línguas e seus conhecimentos como forma de preservar sua identidade. Para garantir que isso aconteça professores indígenas são escolhidos pela própria comunidade para fazer o ensino.

No entanto o tão sonhado ensino bilíngue português/tupi não acontece pela a falta de domínio das disciplinas por parte dos profissionais da educação indígena. “ De forma sumarizada, existem povos monolíngues em língua indígena e em língua portuguesa e povos que vivenciam diferentes graus de bilinguismo, o que, de certa forma, poderá ampliar ainda mais, em um relativo curto espaço de tempo, o monolíngüístico em língua portuguesa”.(Paula,2015,p.115)"

O preconceito linguístico é, segundo o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno, todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Ele está diretamente ligado a outros preconceitos (regional, cultural, socioeconômico etc.) "

Infelizmente os povos indígenas são vistos como sujeitos que devem ficar as margens da sociedade. A falta de domínio da língua formal possibilitando que o preconceito aos povos aumente causando serias consequências por ser estereotipado que muito vezes tornam-se motivo de risos e chacotas por utilizar diferentes maneiras de se comunicar por meio da língua informal.

O tupi nheengatu comprova a permanência dos povos indígenas no território cearense, apesar das afirmações que não existia mais índios. A prova de nossa existência se dá pelo simples fato do aumento na procura de aprender a língua de origem. A luta do movimento potigatapuia na Serra das Matas resultou no reconhecimento oficial da língua tupi nheengatu como a cooficial do município de Monsenhor Tabosa-Ce

Aba



“Homem, Gente, Índio”

Começamos por uma palavra central. Trata-se de um conceito importante. A definição de pessoa, de gente, de indígena, em língua nheengatu. “Aba” numa tradução livre significa “homem, gente, índio”. Por exemplo, caso acrescentemos o sufixo “ete”, temos “Abaete”, significando algo como “pessoa boa”, ou mesmo “gente verdadeira” e “índio”. Para nós, Potiguara, a autodenominação e identidade étnica é central para nossa cultura e em nossa luta por direitos. Nesse sentido, é importante destacar o jeito de nomear “gente”, em nheengatu.

O desafio primeiro é como alinhar estas duas formas de exprimir a ideia, em português e nheengatu, conseguindo contemplar os vários sentidos nas línguas.

KURUMIM



foto do arquivo Escola Indígena Joaquim Ugena

“Criança”

Curumim é a criança indígena pertencente a um determinado grupo étnico, com faixa etária de 2 a 12 anos de idade. O curumim é cuidado por todos da aldeia. Esse período ele passa a vivenciar as práticas culturais do seu povo: a caça, pesca, lutar, a coletar e conhecer tudo que precisa para a sobrevivência de seu povo. Essa vida de criança indígena hoje é mesclada por outros modos de aprender. Eles também frequentam a escola específica que

ensinam os conhecimentos dos não índios, mas também valorizam os saberes de seu povo para não esquecer suas raízes.

TABA



Aldeia Jacinto (foto de Paulo Castro)

“ Aldeia, lugar ,localidade onde vivem os índios”

“Taba” é uma palavra em tupi nheengatu que traduzida para o português significa aldeia. Se definida, também traz a ideia de lugar, localidade, onde vivem os índios em comunidade. No Brasil muitos indígenas estão fora de seus territórios, pois migraram para as cidades com o sonho de uma vida melhor, outros estão desaldeado por ter seus direitos negados. Outros ainda sonham com sua terra de origem demarcada para garantir o direito assegurado pela a Constituição Federal aos povos indígenas brasileiros

SY



foto Glerison potiguara

“MÃE”

A palavra “Sy” faz parte da língua nheengatu. Quando traduzida para o português, significa “mãe”. Essa palavra é muito presente nas músicas em tupi, pois é muito usada para exaltar e adorar a terra e a natureza a qual os povos indígenas chamam de mãe. Yby-terra, Sy-mãe a junção dessas duas palavras em tupi significa Ybyasy- mãe terra

MORUBIXABA



foto Marinete potiguara

“Cacique”

Morubixaba também é uma palavra do tupi nheengatu usada para nomear ao cacique/chefe da tribo. Essa palavra é para definir uma pessoa muito importante na aldeia que todos respeitam e seguem suas orientações para garantir a harmonia na convivência no grupo.

Um bom cacique sempre quer o melhor para seu povo. Nos últimos anos aumentou o número de cacique que luta pela demarcação, saúde, educação e participam de políticas públicas e partidárias para garantir a melhoria de vida do seu povo, porque os recursos encontrado na natureza não são mais suficiente para garantir o sustento da natureza.

KUNHÃ



foto Jeane potiguara

“Mulher”

“Cunhã” na língua tupi nheengatu e mulher na língua portuguesa. Até os dias atuais na comunidade Jacinto essa palavra é ouvida bastante. No entanto, mais para falar mal ou destratar a mulher. Talvez pelo preconceito contra as mulheres indígenas. Há também o fato da língua se transformar.

Kunhantã – do Tupi Guarani cunhã-antã=mulher resistente. Menina, garota.

ENGARA



Foto Damiana potiguara

Professora

“Engara” é nome que se dá em tupi nheengatu a pessoa que ensina na sala de aula. Na língua portuguesa essa palavra é pronunciada diferente, mas possui o mesmo significado, professora. O papel do professor indígena vai muito além de preparar o sujeito para ter habilidades para chegar ao sucesso profissional. O índio professor quer isso e muito mais, quer formar sujeitos que valorize também sua história, seu povo, sua identidade cultural, suas crenças e sua espiritualidade. É por isso que levam para aula materiais que possam realmente ser compreendido. Ou seja, os alunos já conhecem o material, mas precisam refletir sobre tal.

KA'A



Foto Damiana potiguara

Ka'a é tupi nheengatu e quando traduzido para o português, essa palavra significa mata. Para os índios que vivem no sertão a mata é chamada caatinga, pois junção de duas palavras traz o significado: kaatinga-mata branca. A mata é o lugar sagrado, além de oferecer recursos para sobrevivência, ainda guardam os mistérios dos encantados nossos ancestrais.

YBY



Foto Damiana potiguara

Terra

Na língua tupi nheengatu, “yby” e traduzida para a língua portuguesa é terra. Uma das coisas mais importante para os povos indígena é a terra, pois nela há tudo para viver. Foi por a terra que muitos índios morreram e continuam morrendo, pois desde a colonização que os povos indígenas são arrancados de forma violenta de seus territórios e passam a viver em espaços limitados sem direito de ser quem realmente são de verdade. Tem sua identidade negada, seus direitos desrespeitados e seu espaço destruído por posseiro que só vê a terra como lugar de exploração para ganhos econômicos, porque se os índios não destroem, é improdutivo, preguiçoso.

CONCLUSÃO

A concluir esse trabalho, senti-me feliz e orgulhosa por ter conseguido atingir meus objetivos que era iniciar, desenvolver e chegar ao final deste trabalho, porém não me sentir completamente realizada por que o assunto estudado não se esgotado, pois o tema escolhido além de amplo é muito complexo que precisa de uma olhar mais cuidadoso e uma análise mais profunda sobre ele, podendo, contudo considerar alguns aspectos evidenciados no texto, com as Línguas português/tupi nheengatu. A importância do Ensino Bilíngue na escola indígena Joaquim Ugena, como forma de e Respeitar as diferenças.

Diante de muitos problemas que cerca a prática escolar indígena é grandes desafios enfrentados, tenho a intenção de entender e por isso vou buscar novos caminhos, onde eu possa superar as dificuldades, e que eu possa me construir como pessoa e profissional e sempre me fundamento naquilo que acredito. Com o desejo de entender e dar sentido de ser índia, tentei me aprofundar em um assunto que é muito abordado na escola indígena da qual sou professora e por mim não era compreendido, então pude perceber que é preciso ter a língua como evidencia da identidade e sem dúvida a prova real da sobrevivência étnica e cultural de um povo que por muito tempo tem sofrido preconceito e para se livrar dos maltrato foram obrigados a esconder suas origens e abraçar o que o não- índios impuseram como sendo a melhor cultura, a melhor crença, a melhor língua e chegando quase exterminar por completo seu jeito de ser, de viver e também no que acreditavam.

BIBLIOGRAFIA

PAULA, Aldir Santos de. **Educação Escolar Indígena e Política Linguística**. Vol.17 - Números 1/2 - 2015

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**

<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC, 2005